

# Saber desde o corpo: autoetnografias trans e a produção de conhecimento científico no Brasil

KAYÊ ANU VASCONCELLOS OZORIO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

## RESUMO

Este artigo apresenta um mapeamento sistemático, embora não exaustivo, da produção autoetnográfica realizada por pessoas trans, travestis, transmasculinas e não-binárias no Brasil entre 2000 e 2025. A investigação concentrou-se em identificar como essas autorias têm mobilizado a autoetnografia como método, dispositivo político e prática de escrita de si no campo acadêmico brasileiro. O levantamento, de natureza qualitativa, compreendeu buscas em bases indexadoras, repositórios institucionais, periódicos científicos e plataformas de circulação acadêmica, articulando combinações de palavras-chave referentes a método, identidade de gênero, território e tipo de documento. Após triagem por título e resumo e leitura integral dos textos, foram incluídos seis trabalhos, publicados entre 2018 e 2025. A análise revela três tendências centrais: a autoetnografia como método político e reposicionamento epistêmico; a articulação entre narrativa pessoal e denúncia institucional; e a expansão de produções transmasculinas no período mais recente. Os resultados sugerem que a escrita autoetnográfica, ao ser apropriada por autorias trans, opera como ruptura epistemológica, arquivo vivo e mecanismo de redistribuição epistêmica dentro da universidade brasileira.

## PALAVRAS-CHAVE

Autoetnografia; memória trans; epistemologias trans e travestis.

## ABSTRACT

This article presents a systematic — though not exhaustive — mapping of autoethnographic work produced by trans, travesti, transmasculine, and nonbinary authors in Brazil between 2000 and 2025. The investigation focused on identifying how these authors have mobilized autoethnography as a method, a political device, and a practice of writing the self within the Brazilian academic field. This qualitative survey involved searches in indexing databases, institutional repositories, scholarly journals, and academic circulation platforms, combining keywords related to method, gender identity, territory, and document type. After screening by title and abstract and conducting full-text readings, six works published between 2018 and 2025 were included. The analysis reveals three central tendencies: autoethnography as a political method and epistemic repositioning; the articulation of personal narrative with institutional critique; and the recent expansion of transmasculine productions. The findings suggest that, when appropriated by trans authors, autoethnographic writing functions as an epistemological rupture, a living archive, and a mechanism of epistemic redistribution within Brazilian universities.

## KEYWORDS

# Saber desde o corpo: autoetnografias trans e a produção de conhecimento científico no Brasil

KAYÊ ANU VASCONCELLOS OZORIO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Autoethnography; trans memory; trans and travesti epistemologies.

# Saber desde o corpo: autoetnografias trans e a produção de conhecimento científico no Brasil

KAYÊ ANU VASCONCELLOS OZORIO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

## Introdução

A autoetnografia, tal como hoje a reconhecemos no campo das ciências sociais, é fruto de uma virada epistemológica que problematizou a promessa de neutralidade da etnografia clássica e reposicionou o papel da experiência na produção de conhecimento. Desde a chamada crise de representação nos anos 1970, quando autores como Clifford e Marcus (1986) expuseram os limites da pretensão objetivista e defenderam o reconhecimento da voz situada do pesquisador, abriu-se um campo fértil para metodologias que assumem a implicação subjetiva como parte do próprio processo analítico. A contribuição posterior de Carolyn Ellis e Arthur Bochner (2000) consolidou essa trajetória ao formular a autoetnografia como escrita que combina rigor metodológico, presença afetiva e engajamento político. Longe de enfraquecer a pesquisa, a vulnerabilidade do sujeito que narra torna-se uma lente epistemológica, capaz de revelar dimensões sociais que escapam às formas tradicionais de observação.

Esse deslocamento metodológico reverbera também fora do terreno disciplinar, encontrando ecos em autores que tensionam as fronteiras entre sociologia, literatura e memória. Annie Ernaux talvez seja a expressão mais contundente desse entrelugar. Em *O lugar* (2011), a autora escreve para capturar o encontro entre a própria trajetória e as estruturas de classe que a moldam, elaborando o que chama de “auto-socio-biografia”. Ao narrar a morte do pai, Ernaux não se volta à intimidade como confissão, mas como documento social: sua escrita torna visível a travessia entre mundos, a violência simbólica da estratificação, a formação de um sujeito atravessado por tensões de pertencimento. A combinação entre singularidade e história coletiva, aqui, não se opõe ao rigor científico — pelo contrário, renova-o.

Didier Eribon, em *Retour à Reims* (2009), radicaliza esse gesto ao introduzir a dimensão da sexualidade no coração da análise de classe. Sua “volta” não é mero retorno geográfico, mas investigação das estruturas que produziram sua trajetória: a homofobia familiar, o silenciamento da sexualidade, o deslocamento social que o levou ao “armário da

# Saber desde o corpo: autoetnografias trans e a produção de conhecimento científico no Brasil

KAYÊ ANU VASCONCELLOS OZORIO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

classe”. O que Eribon demonstra, com clareza quase dolorosa, é que a experiência biográfica funciona como ponto de observação privilegiado dos mecanismos sociais — não por ser excepcional, mas justamente por condensar forças históricas que permanecem invisíveis quando tratadas de maneira abstrata.

Édouard Louis leva essa linha ainda mais adiante, fazendo do corpo o palco principal da violência social. Em *Para acabar com Eddy Bellegueule* (2014), transforma humilhações e hostilidades em matéria analítica, elaborando a afirmação marcante de que “escrever é transformar a humilhação em saber”. Ao reinscrever o corpo como arquivo vivo das normas de gênero, da heteronormatividade e das violências de classe, Louis ilumina uma das principais contribuições da autoetnografia: o corpo não é mero suporte da narrativa, mas superfície de inscrição do social e instrumento crítico para sua leitura.

No Brasil, esse movimento ganha inflexões próprias. José Henrique Bertolucci, em *O que é meu* (2022), articula literatura, teoria social e história familiar para narrar a experiência do pai caminhoneiro, figura atravessada pelas contradições do capitalismo brasileiro. Sua recusa em reduzir a complexidade dessas vidas a categorias sociológicas rígidas ecoa o horizonte autoetnográfico: a singularidade como chave interpretativa para processos coletivos, a memória como arquivo contra a simplificação moralizante das estruturas de poder. Bertolucci situa sua escrita numa estética da sobrevivência, isto é, um gesto de afirmação diante de políticas simbólicas que tentam silenciar trajetórias dissidentes.

Esse conjunto de obras, embora diverso, converte-se num reservatório teórico crucial para pensar a legitimidade e a densidade crítica das metodologias autoetnográficas. As escritas de si aí mobilizadas não se organizam como confissões, mas como ferramentas analíticas capazes de evidenciar relações de classe, gênero, raça, sexualidade e cidadania. É nesse cenário que se inscreve a presente investigação. Ao analisar produções autoetnográficas realizadas por pessoas trans, travestis, transmasculinas e não-binárias no Brasil entre 2000 e 2025, este artigo

# Saber desde o corpo: autoetnografias trans e a produção de conhecimento científico no Brasil

KAYÊ ANU VASCONCELLOS OZORIO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

busca compreender como essas autorias têm mobilizado a escrita de si como método, gesto político e estratégia epistemológica. O levantamento bibliográfico documental aqui apresentado permite examinar como a autoetnografia tem sido acionada não apenas como técnica, mas como prática de reivindicação de autoridade narrativa em um campo historicamente marcado pela cisnormatividade.

## 1 Metodologia

Nesta seção, busco descrever o procedimento de levantamento realizado para identificar trabalhos de autoria trans, travestis, transmasculinas ou não-binárias produzidos no Brasil e que adotaram a autoetnografia como método ou procedimento de investigação. O objetivo foi reunir um *corpus* referencial que permita analisar como a produção de conhecimento a partir de vivências trans tem sido sistematizada no interior de práticas autoetnográficas no contexto brasileiro. Nesse sentido, optou-se por um levantamento bibliográfico documental de caráter não exaustivo, de natureza qualitativa, ancorado em buscas em bases de dados, repositórios institucionais e periódicos eletrônicos. A estratégia adotada combinou buscas por palavras-chave específicas; triagem por título e resumo; leitura de texto integral para confirmação metodológica; verificação documental da autodeclaração da autoria; e extração padronizada de metadados (autoria, ano, tipo de documento, instituição, trecho que declara a autoetnografia e link do repositório).

No que se refere ao aspecto temporal, o levantamento considerou trabalhos produzidos no período de janeiro/2000 a dezembro/2025. Esse recorte buscou abarcar a produção contemporânea mais relevante sobre autoetnografia e autoria trans no Brasil, por outro lado, foi possível observar que a maior parte dos textos se concentrou entre o período entre de 2018 a 2025. Já a seleção das bases foi realizada de modo a cobrir tanto fontes indexadas amplamente, como *Google Scholar*, SciELO, quanto repositórios institucionais, que geralmente abrigam

# Saber desde o corpo: autoetnografias trans e a produção de conhecimento científico no Brasil

KAYÊ ANU VASCONCELLOS OZORIO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

TCCs, dissertações e teses com maior probabilidade de relatos autoetnográficos. Foram consultadas, entre outras, as seguintes bases e repositórios:

- **Google Scholar:** para mapeamento inicial e identificação de citações e versões do texto;
- **BDTD (Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações):** para localizar dissertações e teses depositadas;
- **Repositórios institucionais:** por exemplo, Repositório da Universidade de Brasília (UNB), Repositório da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Repositório da Universidade de São Paulo (USP Teses), Repositório UFES, Repositório UFBA, LUME (UFRGS). Esses repositórios permitiram acesso a textos completos de dissertações, teses e monografias.
- **SciELO Brasil:** para revistas indexadas em acesso aberto;
- **Periódicos acadêmicos de universidades:** por exemplo, Revista Periódicus (UFBA) e outras Revistas universitárias que publicam relatos autoetnográficos.
- **ResearchGate:** para localizar *preprints*, versões alternativas e comunicações de eventos que porventura não estejam em repositórios institucionais;
- **Catálogos bibliográficos (LaReferencia, catalogos institucionais):** para localizar registros e metadados.

## 1.1 Palavras-chave e combinações de busca utilizadas

Além disso, a etapa de levantamento bibliográfico foi conduzida por meio da aplicação de palavras-chave e de diferentes combinações entre elas, de acordo com as possibilidades e limitações de cada base consultada. Em repositórios que permitiam o uso de operadores lógicos, recorreu-se a conjunções como “e” e “ou”, bem como ao uso de aspas para delimitar expressões exatas. Por outro lado, em bases que não ofereciam essa funcionalidade, adotou-se a inserção direta dos termos, um a um, com posterior filtragem manual dos resultados. As palavras-chave centrais foram selecionadas em função de três aspectos, quais sejam, o método investigado, a

# Saber desde o corpo: autoetnografias trans e a produção de conhecimento científico no Brasil

KAYÊ ANU VASCONCELLOS OZORIO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

identidade de gênero das autorias e o contexto geográfico ou institucional de produção. Assim, organizaram-se da seguinte forma:

- **Termos referentes ao método:** autoetnografia; autoetnográfico(a); escrita autoetnográfica; relato autoetnográfico; narrativa autoetnográfica;
- **Termos referentes às identidades de gênero pesquisadas:** trans; travesti; transmasculino; transmasculinidade; transfeminino; não binário; não-binário; variações com flexões e grafias alternativas, incluindo formas com asterisco (não binár\*, não-binár\*), uso ou supressão de acentuação, e registros que aparecem com menor padronização nos repositórios.
- **Termos relacionados ao território de produção:** Brasil; brasileiro; brasileira. Esses termos foram utilizados apenas quando necessário para distinguir produções nacionais de trabalhos estrangeiros com temática semelhante.
- **Termos referentes à natureza do trabalho acadêmico:** tese; dissertação; monografia; trabalho de conclusão de curso; artigo; capítulo; relatório final; memorial.

A partir dessas categorias, foram construídas e aplicadas combinações variadas, buscando contemplar tanto ocorrências mais amplas quanto formulações mais específicas. Entre as combinações utilizadas, destacam-se: “autoetnografia” e “trans” e “Brasil”; “autoetnografia” e “travesti” e “Brasil”; “autoetnografia” e (“transmasculino” ou “transmasculinidade”); “relato autoetnográfico” e (“travesti” ou “trans”); “autoetnografia” e “não binár\*”; “escrita autoetnográfica” e “trans”. Além dessas, foram testadas variações como a retirada ou substituição de acentos (ex.: “nao binar\*”), a inclusão de hífen (“não-binário”, “não-binár\*”) e buscas paralelas com a expressão “autoetnografia trans” sem aspas, para verificar registros que não seguem padrões formais de indexação.

Quando pertinente, também foram realizadas buscas complementares em língua inglesa, especialmente para identificar trabalhos de autorias brasileiras publicados em revistas

# Saber desde o corpo: autoetnografias trans e a produção de conhecimento científico no Brasil

KAYÊ ANU VASCONCELLOS OZORIO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

internacionais, utilizando termos como “*autoethnography*” em associação com “*trans*” e “*Brazil*”. A adoção dessas buscas adicionais visou evitar que produções vinculadas a instituições brasileiras, mas publicadas fora do país, ficassem de fora do levantamento. O conjunto dessas combinações possibilitou ampliar o alcance da investigação e minimizar perdas decorrentes da falta de padronização na catalogação de trabalhos acadêmicos no país.

## 1.2 Da coleta e sistematização de dados

O processo de triagem seguiu duas etapas principais. Inicialmente, cada registro encontrado pelas buscas foi avaliado por título e resumo. Os títulos que explicitamente não tinham relação com autoetnografia ou com vivências trans foram excluídos. Por outro lado, os trabalhos potencialmente relevantes foram movidos para avaliação de texto completo. Nesse sentido, deu-se prosseguimento a segunda etapa, isto é, a leitura aprofundada do texto a fim de confirmar dois critérios essenciais: (a) a utilização explícita de autoetnografia como método, ou a presença de um relato estruturalmente autoetnográfico, com declaração metodológica, e (b) a autoria autodeclarada como pessoa trans, travesti, transmasculina ou não-binária.

- Quando o texto continha seção metodológica clara e indicava o uso de autoetnografia (por exemplo “este trabalho é uma autoetnografia” ou “uso diário de diário reflexivo autoetnográfico”), o critério (a) foi marcado como satisfeito.
- Para o critério (b), a verificação foi feita por: nota do autor no texto, metadados do repositório, página institucional do autor, currículo *Lattes*, ou, quando a própria narrativa do trabalho declarava a identidade – por exemplo, “*nesta narrativa, eu, autor(a), travesti...*”), essa declaração foi aceita como evidência.

Para cada trabalho incluído foram extraídos e compilados em planilha: autor(a), título, ano, tipo de documento, instituição (quando aplicável), link permanente (DOI ou URL do repositório), trecho do texto que declara o método autoetnográfico, e evidência da autodeclaração de identidade trans (local no documento ou referência a bio do autor). Essa

# Saber desde o corpo: autoetnografias trans e a produção de conhecimento científico no Brasil

KAYÊ ANU VASCONCELLOS OZORIO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

estratégia assegura rastreabilidade e permite reavaliação futura. Já no que se refere aos critérios éticos e de respeito à autodeclaração, dado o caráter sensível da identificação como pessoa trans/travesti, a pesquisa aplicou o princípio da autodeclaração como critério central. Isto significa dizer que apenas foram considerados como “autoria trans” os trabalhos em que havia evidência pública de que a pessoa autora se identifica como trans/travesti/não-binária, seja na própria obra (nota de autoria), seja em metadados públicos (currículo Lattes, página institucional, entrevistas, ou biografia no repositório). Nos casos onde não foi possível encontrar essa evidência pública, o trabalho foi excluído da análise.

## 2 Análise e discussão dos resultados

Os procedimentos metodológicos empregados permitiram reunir um *corpus* composto por seis trabalhos autoetnográficos produzidos por pessoas trans, travestis, transmasculinas ou não binárias no Brasil, publicados entre 2018 e 2025, distribuídos entre artigos, dissertações e teses. Embora numericamente reduzido, esse conjunto revela um movimento crescente de formalização acadêmica das narrativas de si produzidas por sujeitos trans, indicando não apenas uma ampliação da presença dessas autorias na universidade, mas também uma disputa epistemológica sobre quem pode produzir conhecimento acerca da experiência trans, sobretudo no que diz respeito ao protagonismo de autorias trans. Vejamos:

Tabela 1 – Produções autoetnográficas de autorias trans no Brasil (2018–2025)

| AUTORIA                            | TÍTULO  | ANO  | TRABALHO |
|------------------------------------|---|------|----------|
| Maria Léo Fontes Borges<br>Araruna | O Direito à Cidade em uma<br>Perspectiva Travesti: uma breve<br>autoetnografia sobre socialização<br>transfeminina em espaços urbanos | 2018 | Artigo   |
| Diadorim Maria Rodrigues           | Diadorim é o meu clarão:<br>autoetnografia da minha transição<br>de gênero de bicha não binária                                       | 2023 | Artigo   |

# Saber desde o corpo: autoetnografias trans e a produção de conhecimento científico no Brasil

KAYÊ ANU VASCONCELLOS OZORIO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

|                                     |   |      |                         |
|-------------------------------------|---|------|-------------------------|
| Bernardo Mota Lopes                 | Arquivo transmasculino: uma autoetnografia sobre transmasculinidade no Brasil                           | 2022 | Dissertação de Mestrado |
| Larissa Engelmann                   | Identities, resistências e transepistemologias: uma autoetnografia de vivências travestis negras na UFG | 2024 | Dissertação de Mestrado |
| Caio Maliszewski Escouto            | Por uma geografia trans: autoetnografia sobre a docência transmasculina no espaço escolar               | 2025 | Tese de Doutorado       |
| Samantha Vallentine Cabral de Souza | Transcrevivências de uma travesti: etnografando antropologias outras                                    | 2024 | Artigo                  |

Fonte: elaboração própria.

No que concerne à caracterização geral do *corpus*, os trabalhos identificados expressam, de modo reiterado, três tendências principais:

- **Centralidade da autoetnografia como método político:** não apenas como instrumento técnico, mas como estratégia de reposicionamento do sujeito pesquisador enquanto produtor legítimo de conhecimento sobre si. A escrita reflexiva parece operar, nesses textos, como reposicionamento epistêmico e como forma de reivindicar autoridade interpretativa;
- **Associação entre narrativa pessoal e denúncia institucional:** aparece sobretudo em produções de travestis e pessoas trans negras, nas quais a escrita se apresenta como enfrentamento direto das violências epistêmicas e institucionais que estruturam a universidade e demais instituições públicas;
- **Expansão recente da autoetnografia transmasculina:** perceptível na presença de dissertações e teses que articulam vivências da masculinidade trans a campos disciplinares específicos, tais como educação, geografia e políticas públicas, produzindo deslocamentos significativos na forma como tais áreas têm sido historicamente constituídas.

# Saber desde o corpo: autoetnografias trans e a produção de conhecimento científico no Brasil

KAYÊ ANU VASCONCELLOS OZORIO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Em termos quantitativos, o período entre 2022 e 2025 concentra a maior parte das produções. Esse crescimento não parece se tratar coincidência histórica, isto é, pode estar relacionado à ampliação de políticas afirmativas (cotas trans), à criação de redes de apoio acadêmico entre pesquisadores trans e à abertura gradual das universidades ao reconhecimento de metodologias narrativas e corporificadas. Sendo assim, a inexistência de trabalhos anteriores a 2018 parece evidenciar tanto a exclusão histórica dessas autorias do espaço acadêmico, quanto a potência recente da escrita autoetnográfica como meio de reinscrição crítica na universidade. Do ponto de vista qualitativo, destaca-se a ampla diversidade disciplinar do *corpus*, abrangendo áreas como antropologia, geografia, educação, estudos urbanos e estudos de gênero. Esse dado sugere que a autoetnografia tem operado como método capaz de atravessar fronteiras disciplinares, tornando-se via fecunda para que autorias trans acessem e transformem diferentes campos do saber.

A análise evidencia que a autoetnografia, quando mobilizada por autores trans, cumpre funções que extrapolam a descrição de experiências. Ela pode ser mobilizada em:

- Instrumento de ruptura epistemológica, capaz de tensionar regimes cisnormativos de verdade, evidenciando como o conhecimento acadêmico é historicamente estruturado pela exclusão dessas vozes;
- Política de arquivo vivo, que possibilita registrar memórias situadas, indisciplinadas e corporificadas, remetendo à construção de uma história trans contada pelos próprios sujeitos;
- Proposta de redistribuição epistêmica, na qual a autoridade narrativa é reivindicada por aqueles subjetividades que tradicionalmente foram objetos - e não autores - de saber/conhecimento, deslocando hierarquias do campo científico.

Essa operação dialoga com uma tradição crítica mais ampla, na qual a escrita de si é mobilizada como estratégia de enfrentamento à violência epistêmica, conforme argumentam autores como Kilomba (2019), Muñoz (2009) e Preciado (2018). No entanto, os trabalhos

# Saber desde o corpo: autoetnografias trans e a produção de conhecimento científico no Brasil

KAYÊ ANU VASCONCELLOS OZORIO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

brasileiros analisados acrescentam um elemento singular: suas narrativas são produzidas *dentro* das universidades públicas, convertendo-se em formas de reivindicação de cidadania cognitiva e de disputa por pertencimento institucional.

A obra de Grada Kilomba (2019) discorre acerca a forma como sujeitos historicamente silenciados transformam a escrita em ferramenta de devolução da fala, operando movimentos que desestruturam ordens narrativas colonizadas. Na perspectiva da autora, escrever não é apenas registrar; é retomar a respiração interrompida por séculos de impedimentos. Essa chave interpretativa permite compreender por que autoras como Maria Léo Fontes Borges Araruna (2018) e Larissa Engelmann (2024) fazem da escrita um campo de desobstrução do corpo, onde o trânsito cotidiano pela cidade ou pela universidade se transforma em dispositivo crítico. Nos dois casos, a autoetnografia funciona menos como método descritivo e mais como forma de revelar as forças que regulam quem pode existir com segurança em espaços urbanos e acadêmicos. Esse gesto ecoa a tese de Berenice Bento (2014) de que a experiência trans expõe, com crueza, os limites do Estado e das instituições na produção de vidas vivíveis.

José Esteban Muñoz (2009), ao discutir a performatividade como horizonte utópico, oferece outra chave para perceber a potência desses relatos. Para ele, a experiência queer cria fendas no real que permitem imaginar futuros habitáveis. Nos materiais analisados, particularmente nos textos de Diadorim Maria Rodrigues (2023), o trabalho autoetnográfico aparece como tentativa de recompor sentidos e projetar outras formas de ser no mundo. A transição é apresentada não como passagem linear, mas como campo interpretativo contínuo, marcado pela reescrita de si e pela invenção de nomes, afetos e filiações. Essa formulação dialoga com Viviane Vergueiro (2016), que enfatiza a importância das epistemologias transfeministas não apenas como crítica, mas como prática inventiva de existência — uma prática que se esquia das classificações fechadas e restitui o direito ao indeterminado.

Ao considerar a produção transmasculina, como as pesquisas de Bernardo Mota Lopes (2022) e Caio Escouto (2025), pode-se observar outra camada do debate epistêmico. A partir

# Saber desde o corpo: autoetnografias trans e a produção de conhecimento científico no Brasil

KAYÊ ANU VASCONCELLOS OZORIO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

de arquivos pessoais, experiências docentes e reflexões sobre políticas públicas, esses autores tensionam a ausência histórica de homens trans na literatura acadêmica brasileira. Esse tensionamento ressoa com as análises de Jaqueline Gomes de Jesus (2012), que sublinha como a invisibilidade transmasculina é efeito direto de uma matriz cisheteronormativa que organiza o reconhecimento social da masculinidade. Ao mobilizarem a autoetnografia, esses pesquisadores reconfiguram seus campos disciplinares, propondo uma produção de conhecimento em que masculinidades trans deixam de ser exceção para se tornarem perspectiva legítima.

Há, ainda, uma vertente presente no corpus que se aproxima das discussões sobre desobediência epistêmica e crítica institucional. O texto de Samantha Vallentine Cabral de Souza traz uma escrita que deliberadamente desestabiliza formas tradicionais de neutralidade e impessoalidade acadêmica. Essa prática ecoa debates como os de Dean Spade (2015), que argumenta que instituições, inclusive universidades, produzem desigualdades estruturais mesmo quando aparentam neutralidade. Nas escolhas narrativas de Souza, a escrita aparece como gesto de recusa às normas da “boa academia”, aproximando-se do que Hortensia Amaro (2016) denomina “pesquisa comprometida”, na qual o corpo do pesquisador deixa de ser omitido e passa a fazer parte da própria argumentação.

As produções brasileiras, entretanto, introduzem um deslocamento que as diferencia das tradições internacionais. Enquanto muitos trabalhos norte-americanos ou europeus se apoiam em circuitos comunitários e artísticos, boa parte da produção analisada aqui emerge *em processos formais de pós-graduação*, isto é, inserida nos ritos da universidade pública. Esse ponto não é trivial. Parece conectar a autoetnografia trans a debates nacionais sobre democratização do ensino superior, políticas de ações afirmativas e disputas em torno da legitimidade de saberes situados. A inserção institucional dessas narrativas pode contribuir na concretização daquilo Bento (2017) denomina “política da presença”, isto é, não apenas ocupar

# Saber desde o corpo: autoetnografias trans e a produção de conhecimento científico no Brasil

KAYÊ ANU VASCONCELLOS OZORIO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

espaços, mas fazer com que a ocupação modifique os critérios de validação do conhecimento produzido.

Também é possível observar uma convergência entre o *corpus* e as formulações de Preciado (2018), para quem a escrita trans é necessariamente prática de experimentação corporal. Em muitos dos trabalhos analisados, sobretudo aqueles que abordam transições, cirurgias, reposição hormonal ou percursos burocráticos, o texto se torna extensão da “carne”. A escrita não descreve a corporeidade; ela o acompanha, o dobra, o ressignifica. Essa vinculação entre corporeidade e narrativa se fortalece quando os autores situam suas experiências em instituições acadêmicas que, historicamente, operaram como dispositivos de normalização. Aqui, a autoetnografia funciona como contrauso do espaço universitário: uma espécie de deslocamento interno que transforma o lugar que antes excluía em terreno de enunciação.

No plano epistemológico, esse conjunto de práticas compõe o que poderíamos chamar de “encruzilhadas de saberes trans”, na qual experiência, teoria e política não aparecem como esferas separadas. Elas se entrelaçam, como camadas que se sobrepõem e se contaminam. Essa ecologia evidencia que a produção de conhecimento trans no Brasil não se limita a denunciar violências - ela também propõe novas formas de pensar o corpo, o espaço, a educação, a cidade, o Estado. Isso fica claro nas análises sobre território e violência presentes em Araruna e Engelmann, nas formulações sobre invenção identitária de Rodrigues, nas reconfigurações disciplinares promovidas por Lopes e Escouto, e na crítica à institucionalidade realizada por Souza. Cada uma dessas contribuições adiciona uma peça ao mosaico de narrativas que, juntas, compõem um campo em formação.

É importante salientar que essa expansão autoetnográfica ocorre em sincronia com transformações mais amplas no campo dos estudos de gênero e sexualidade no Brasil. A partir dos anos 2010, o crescimento de coletivos trans e transfeministas, a proliferação de pesquisas lideradas por pessoas trans e a consolidação de núcleos de pesquisa dedicados à temática

# Saber desde o corpo: autoetnografias trans e a produção de conhecimento científico no Brasil

KAYÊ ANU VASCONCELLOS OZORIO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

criaram um ambiente fértil para que essas narrativas encontrassem espaço institucional. Essa conjuntura dialoga com o que Rufino (2015) define como pedagogias da encruzilhada: espaços onde saberes produzidos nas margens entram em conflito produtivo com estruturas hegemônicas. As autoetnografias analisadas, ao se moverem pelas fendas da universidade, podem contribuir para essa encruza, isto é, um encontro de tensão, fertilidade e transformação.

## Considerações finais

O levantamento realizado, bem como os deslocamentos analíticos que dele emergiram, permitem afirmar que as autoetnografias trans identificadas não operam apenas como escolhas estilísticas ou metodológicas. Elas integram um movimento mais amplo de reorganização epistêmica no interior da universidade brasileira, tensionando as formas instituídas de produzir, validar e transmitir conhecimento. Esses textos abrem passagem, não por deferência, mas por insistência, e inscrevem no campo científico a presença de corporeidades e narrativas historicamente interditas. Cada trabalho compõe, assim, um arquivo vivo, não fixo, em que fragmentos de experiências situadas se articulam a disputas políticas mais amplas não apenas pela legitimidade das epistemologias, mas também da cidadania de pessoas trans, travestis e não-binárias.

Ao mesmo tempo, reconhecer a potência desse *corpus* exige atenção aos limites estruturais do mapeamento. A busca concentrou-se em produções que se autoidentificam como autoetnográficas ou que mobilizam explicitamente tal método. Com isso, permanecem fora desta análise outras formas de escrita de si que, embora não nomeadas como autoetnografia, participam de ecologias semelhantes de conhecimento, por exemplo, a *escrevivência* proposta por Conceição Evaristo, relatos performativos de artistas negros e *queer*, memórias comunitárias de coletivos trans, narrativas de militância e experimentações textuais que transitam entre literatura, testemunho e ensaio. Da mesma forma, práticas metodológicas como

# Saber desde o corpo: autoetnografias trans e a produção de conhecimento científico no Brasil

KAYÊ ANU VASCONCELLOS OZORIO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

cartografias, histórias de vida, cadernos de campo compartilhados e produções artísticas têm sido espaços férteis de elaboração de saberes trans, mas escapam aos critérios estritos adotados aqui.

Essas lacunas não invalidam o levantamento; ao contrário, assinalam linhas de investigação futuras e reforçam a urgência de políticas institucionais voltadas à preservação, circulação e valorização da produção intelectual de pessoas trans no Brasil. Em suma, a análise evidencia que a autoetnografia trans constitui, no contexto brasileiro, uma prática epistemológica que desestabiliza fronteiras disciplinares, amplia repertórios metodológicos e desafia os regimes de autoridade acadêmica. Mais do que descrever experiências trans, ela reconfigura as condições mesmas de enunciação no campo científico. Produz não apenas conhecimento, mas condições de possibilidade para que outras narrativas possam emergir. São marcas que parecem funcionar como passos que vêm de longe, caminhos os quais futuras autorias trans poderão trilhar, transformando, com sua própria presença e produção, o horizonte epistêmico ainda em movimento das universidades brasileiras.

## Referências

**ARARUNA, Maria Léo Fontes Borges.** *O direito à cidade em uma perspectiva travesti: uma breve autoetnografia sobre socialização transfeminina em espaços urbanos.* 2018. Artigo.

**BERTOLOSSI, José Henrique.** *O que é meu.* Rio de Janeiro: Todavia, 2022.

**BOCHNER, Arthur; ELLIS, Carolyn.** Autoethnography as a method. In: \_\_\_\_\_. *Handbook of Qualitative Research.* 2000.

**CLIFFORD, James; MARCUS, George (org.).** *Writing Culture: The Poetics and Politics of Ethnography.* Berkeley: University of California Press, 1986.

# Saber desde o corpo: autoetnografias trans e a produção de conhecimento científico no Brasil

KAYÊ ANU VASCONCELLOS OZORIO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

**ELIS, Carolyn; BOCHNER, Arthur.** *Autoethnography, personal narrative, reflexivity: Researcher as subject.* In: DENZIN, Norman; LINCOLN, Yvonna (ed.). *Handbook of Qualitative Research.* Thousand Oaks: Sage, 2000.

**ENGELMANN, Larissa.** *Identidades, resistências e transepistemologias: uma autoetnografia de vivências travestis negras na UFG.* 2024. Dissertação (Mestrado).

**ERIBON, Didier.** *Retour à Reims.* Paris: Fayard, 2009.

**ERNANX, Annie.** *O lugar.* São Paulo: Editora Fósforo, 2011.

**ESCOUTO, Caio Maliszewski.** *Por uma geografia trans: autoetnografia sobre a docência transmasculina no espaço escolar.* 2025. Tese (Doutorado).

**EVARISTO, Conceição.** *Olhos d'água.* Rio de Janeiro: Pallas, 2014.

**KILOMBA, Grada.** *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano.* Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

**LOPES, Bernardo Mota.** *Arquivo transmasculino: uma autoetnografia sobre transmasculinidade no Brasil.* 2022. Dissertação (Mestrado).

**LOUIS, Édouard.** *Para acabar com Eddy Bellegueule.* São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

**MUÑOZ, José Esteban.** *Cruising Utopia: The Then and There of Queer Futurity.* New York: NYU Press, 2009.

**PRECIADO, Paul B.** *Un apartamento en Urano.* Barcelona: Anagrama, 2018.

**RODRIGUES, Diadorim Maria.** *Diadorim é o meu clarão: autoetnografia da minha transição de gênero de bicha não binária.* 2023. Artigo.

**SOUZA, Samantha Vallentine Cabral de.** *Transcrevivências de uma travesti: etnografando antropologias outras.* 2024. Artigo.

# Saber desde o corpo: autoetnografias trans e a produção de conhecimento científico no Brasil

KAYÊ ANU VASCONCELLOS OZORIO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

**Original recebido em: 02 de novembro de 2025**

**Aceito para publicação em: 16 de dezembro de 2025**